

Direto ao ponto... é possível ter infância e estar na escola?

ELIANA MARIA MOREIRA
CARMEN FARIAS

*A Jurema Franco Camargo,
mestre na arte de "aprender crianças".
Obrigada por nos ensinar.
A toda a equipe da Ponto de Partida, que
faz essa escola acontecer todos os dias.
Obrigada pela alegria e pelo empenho.
A Juliano Santos Farias,
em nome de todas as crianças.
Obrigada pela paciência enquanto aprendemos.*

Para começo de conversa...

Se a pergunta que dá nome a este texto for feita para adultos que nasceram nas décadas de 1950 ou 1960, talvez a resposta seja: não, não é possível ser criança, viver a infância e estar na escola. Se a pergunta for feita para adultos das décadas de 1970 e 1980, muitas respostas podem ser afirmativas. E, se em vez de perguntar aos adultos, perguntarmos às crianças de hoje, muitas responderão que não só é possível como boa parte da infância elas passam na escola. Não saberiam fazer essa distinção.

Na família Bonfiglioli Moreira, além dos três irmãos, tínhamos à nossa disposição para brincar 14 primos contemporâneos. Nossa casa era rodeada de vizinhos com filhos pequenos e a rua era nosso grande quintal, lugar de encontro. Na família Benincasa Farias, entre primos e irmãos éramos sete, morando na mesma casa, sem contar outros primos e vizinhos. Fomos para a escola aos sete anos, para iniciar o Ensino Fundamental (naquela época curso primário, grupo escolar).

Duas escolas muito diferentes, uma particular, dirigida por freiras, só para meninas, enorme pátio de cimento, capela e gruta em homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora.

A outra rural, pública, com horta, brinquedos, para meninos e meninas. Duas legítimas representantes de seu tempo. Agora era sério. Ainda brincávamos, ainda na rua, mas a escola ditava nosso tempo. Era uma grande e boa novidade.

Alguns dizem, com saudade, que aquele tempo era melhor, que havia mais liberdade, mais alegria, mais, mais, mais... outro tempo, outro contexto. Lembranças das crianças que fomos, das emoções ligadas ao tempo, no qual o relógio marcava só a hora da fome, ou melhor dizendo, em que o estômago era o relógio avisando-nos de que era preciso voltar para casa, às vezes todos para uma casa só.

Quais, então, são os nossos desafios ou os nossos compromissos com as crianças de hoje? Que precisamos oferecer, propor, para que a infância possa viver seu tempo? Que escola é essa, hoje, na qual as crianças se encontram desde muito cedo?

O que é a criança? O que é ser criança? Como vivem e pensam as crianças? O que significa a infância? Quando ela acaba? É possível ter infância, vivê-la em toda a sua intensidade e estar na escola? Nós acreditamos que sim. Vamos contar como.

Antes do tempo de hoje... 219 / 42

A Ponto de Partida completou, em 2011, trinta e quatro anos de trabalho com crianças na Educação Infantil. Durante todo esse tempo trabalhamos com crianças, suas famílias e os educadores que estão em contato diário com elas. Muita coisa vem mudando desde então, a não ser o fato de que nossos alunos têm sempre de um a seis anos. Houve um tempo em que trabalhávamos com crianças de berçário e elas eram ainda mais novas, começavam aos três meses.

As crianças então são sempre iguais? Se não houver nenhuma intercorrência no caminho, o bichinho humano de zero aos seis anos terá adquirido cara e jeito dos de sua espécie, e vai crescendo, aumentando suas dimensões e se desenvolvendo, aumentando sua complexidade.

“A concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época...

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio... Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças

serem e estarem no mundo, é o grande desafio da Educação Infantil e de seus profissionais... Embora tenham algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças..." (MEC, 1998).

Era muito comum (e ainda é) chamar a Escola de Educação Infantil, de Pré-escola, um nome que consideramos mal dado, mas que, como todo nome, expressa uma ideia, uma crença; neste caso, a de que uma Escola para crianças pequenas não era uma Escola, era um lugar antes da Escola de fato, de verdade, aquela que realmente importa, aquela na qual se aprende um tipo de conteúdo específico, diferente do que se aprende na convivência com os adultos da cultura.

Já fomos nomeadas como Escola Maternal, ou seja, um lugar que cuidava de crianças como as mães, já que o papel dos pais, do homem, ainda não comportava o de cuidar de crianças; um tempo, no qual, professores homens na Educação Infantil, além de muito raros, causavam, quando existiam, certo mal-estar na comunidade escolar. Os homens eram aceitos nas áreas mais especializadas, como na educação física, ou como porteiros ou encarregados da manutenção.

Já fomos a "extensão da família", para que a criança não "percebesse" que estava na Escola. Já fomos "tias e tios", para que a ideia do parentesco disfarçasse o fato de que crianças pequenas não estavam em casa sendo cuidadas pelas mães e, sim, fora de casa, mas "só brincando". Ser criança pequena (de zero a seis anos) e estar na Escola eram coisas que não combinavam. Crianças "deviam" estar em casa brincando; Escolas "deviam" ser lugares de ensino e conhecimento para gente grande.

Nessa época, décadas de 1970/1980, muitas Escolas de Educação Infantil foram inauguradas e muitas mulheres fizeram disso o seu trabalho. Os nomes das escolas também traduziam os valores da época – "Castelinhos", "Minimundos Encantados", "Planetas" de todas as cores, "Miúdos", "Felizes"... e daí para mais. Nomes que sugeriam seres menos capazes de agir no mundo, de construir seu conhecimento e de se relacionar.

A ideia sobre criança, expressada por esses nomes, era que ela não tinha papel ativo nas relações em que se engajava, sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais.

"Me parece que a questão não é de esperar um surto criativo... ao se batizar uma escola, mas a de ter consciência de que na placa exposta na rua, já há uma visão de criança explícita. No nome da escola, tenha sido qual for o caminho de escolha, de qualquer modo, está sendo dado junto com a certidão de nascimento, a da filosofia educacional que se prega e se segue naquele espaço... afinal, nome de escola (indicado na placa, nos livros da biblioteca, nas apostilas, nos uniformes, no papel timbrado onde se convoca reuniões ou se anuncia eventos...) é também um atestado ideológico..." (Abramovitch, 1985).

O bicho humano é um animal complexo, não nasce pronto, apenas (e isso é muito) tem recursos para tornar-se humano, embora isso só aconteça se ele estiver entre humanos. Não permanece igual e vai se desenvolvendo ao longo de toda sua vida, mas é nos seus primeiros anos que adquire "suas humanidades". Primeiro se

arrasta, depois engatinha, aprende a falar, a andar, a se alimentar, a conviver socialmente, a ler e escrever, a ser independente. A ordem pode variar e o tempo também, porém o bicho humano não sobrevive se for deixado sozinho; precisa de cuidados de outros humanos que vão fazendo o convite para que esse novo ser vá existindo. Para algumas crianças, esse “caminho natural” é interrompido ou modificado, seja por problemas físicos ou sociais, mas também elas precisam estar na Escola. Pela força da lei, hoje, essas crianças têm o direito de estar na Escola, mas ainda temos um longo caminho e um desafio imenso para tornar a Escola um bom lugar para *todas* as nossas crianças.

Nos dias de hoje, percorridos 34 anos, há muitas mudanças no contexto social e histórico que começam a fazer a diferença na educação escolar das crianças até seis anos. Um marco dessa mudança foi a LDB*, promulgada em dezembro de 1996, que estabelece, de forma incisiva, o vínculo entre o atendimento às crianças de zero a seis anos e a Educação. De acordo com a LDB, o Ministério da Educação propõe um Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil publicado em 1998. Produzido por e para educadores, é um guia de diretrizes, ações e principalmente reflexões para educar com qualidade. Não fecha, não dita normas e nem regras. Ao contrário, propõe temas necessários para quem quer estar com crianças no contexto escolar. A partir daí temos direitos e deveres, fiscalização, registro, projeto político-pedagógico, acompanhamento pedagógico educacional; passamos a ter legitimidade legal.

Somos Escola.

Aprendendo crianças...

*“Algumas pessoas olham o mundo e perguntam: por quê?
Eu penso em coisas que nunca existiram e pergunto: por que não?”
(Shaw, 1921)*

Na prática é que a teoria funciona...

Nosso pequeno faraó... uma metáfora para Daniel

Pequeno porque chegou à escola aos três anos e faraó porque imaginamos que um futuro soberano pode tudo e desde muito cedo acostuma-se a mandar e a ser servido, sem discussões.

Esse pequeno soberano tem súditos e muitos servidores. Ninguém ousa contrariá-lo.

* LDB = Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394. Nela a educação infantil passa a ser considerada a primeira etapa da educação básica (título V, cap. II, seq. II, art. 29). Outras questões importantes, que passam a ser tratadas na LDB, referem-se à formação dos profissionais, à educação especial e à avaliação, até então não direcionadas à Educação Infantil.

Daniel chega e não tem muita dificuldade para ficar na Escola, pelo contrário, parece que gosta e se interessa pelo que oferecemos, espaço, brinquedos, outras crianças.

Daniel coloca-se contrário a qualquer limite imposto aos seus desejos e às vontades; reage de maneira intempestiva a qualquer colocação dos adultos ou das crianças que, de alguma maneira, interfiram naquilo que ele quer fazer. Joga coisas no chão, grita, bate portas e chora muito e muito alto.

Quando vamos conversar com ele, suas respostas a nossas tentativas de diálogo são sempre “mas eu quero” ou “não quero”. Durante seu dia na Escola isso se repete inúmeras vezes, visto que há tempo para cada situação e tempo parece não existir para Daniel. O tempo dele é ditado pela força de seu desejo de brincar e seguir fazendo “só” o que ele tem vontade e do jeito que pensou fazer. É frequente o conflito com outras crianças, física e verbalmente. Sempre que seus amigos o deixam sozinho, pois não negocia nada, nunca, Daniel chora “sentido”, triste, e não compreende sua participação na situação. Ele simplesmente quer.

Na Ponto de Partida acreditamos que os conflitos precisam ser resolvidos no próprio contexto em que acontecem. Não colocamos crianças para fora da classe, não as levamos à diretoria ou à coordenação e quando os professores precisam de ajuda, vamos até eles. Privilegiamos o diálogo e a transparência no grupo classe ou entre os envolvidos na questão.

“Os conflitos são mobilizadores, mas é justamente este potencial mobilizador presente no conflito que o transforma em uma oportunidade de mudança, de aprendizagem e de crescimento” (Meirelles, 2008).

Acreditamos em Educar para a reflexão e para as alternativas que priorizam o diálogo, o respeito e o acolhimento de diferentes pontos de vista. Quando os problemas ocorrem dentro da sala de aula, a professora é a pessoa mais habilitada para enfrentar a situação. Se os problemas acontecem no pátio ou nas atividades especializadas, outros adultos também entram em cena. Isto requer a existência de um grupo de educadores alinhados e presentes, uma vez que cada um é diferentemente afetado pela relação com Daniel.

Uma criança “assim” sempre produz, no grupo de docentes, uma movimentação geral, verdadeira sacudida em crenças, valores e, sobretudo, na coerência das ações. São verdadeiras “provas de fogo”.

Muitas situações são resolvidas pelas próprias crianças do grupo, que também vão aprendendo a aprender Daniel. Algumas o deixam sozinho, outras revidam as agressões, outras choram, outras o evitam. No entanto, o fato é que ele não passa incólume em nenhum momento. Com os adultos, a situação não é melhor: xinga, cospe, chuta e muitas vezes temos que contê-lo fisicamente. Essa é, portanto, a hora de aprender a ser, sendo, de aprender a conviver, convivendo, de educar, educando-se, e de fazer o caminho, caminhando.

Em nossas reuniões docentes, quinzenais, temos sempre um tempo reservado para conversas sobre os desafios do nosso dia a dia na Escola com as crianças, com as famílias e entre nós. Nesses encontros, as discussões e os questionamentos sobre Daniel eram constantes. Fomos perguntando-nos:

- O que nos ajuda a estar com Daniel?
 - Ele é uma criança afetiva e muito inteligente...
 - É divertido em muitas situações... ele sofre...
 - Não compreende como fazer diferente...
 - Não sabe...
- O que precisamos para estar com ele e ao mesmo tempo propor mudanças? Acolhê-lo?
 - Revezamento...
 - Conversas e conversas entre nós...
 - Enfrentar a questão...
 - Refletir...
 - Entender...
 - Nomear...
 - Responsabilizar
 - E as outras crianças? E o grupo?
 - Precisamos comprometê-los nas ações...
 - O “problema” não é só de Daniel...
 - Como vamos colaborar? ...

978-85-4120-073-8

Nosso pequeno faraó nas rodas de conversa da classe...

Na Escola, a roda de conversa é um lugar, como diz o próprio nome, de conversar em roda para que todos possam se olhar e se ouvir. Às vezes escolhemos um objeto que é passado entre os participantes, indicando que naquele momento é a vez daquela pessoa falar e dos outros ouvirem. O objeto passa de mão em mão, ajudando todos a falar. Outras vezes usamos as mãos levantadas ou cartões com cores. O importante é aprender a falar e a escutar.

Nesse dia, além das duas professoras e do grupo classe, nós estávamos na roda. Não somos propriamente uma novidade nas conversas, mas, naquele dia, nossa presença tinha o objetivo de facilitar um diálogo sobre as relações daquele grupo. Logo no começo da conversa perguntamos a eles: O que é problema para este grupo em primeiro lugar? Eles responderam: o Daniel. Continuamos: E em segundo lugar? Ao que responderam: a Maria. E assim sucessivamente fomos enumerando na lousa todas as crianças da classe. Para aquele grupo, Daniel era o problema número um a ser conversado, porém não era o único, cada um tinha alguma questão para ser trabalhada.

Começamos naquele dia a construir com eles alguns combinados para “funcionar” melhor. Daniel participou da conversa, deu dicas e disse que não sabia por que ficava “tão nervoso”. Fomos caminhando no falar-escutar, nos combinados grupais e individuais de funcionamento, e na continuidade das conversas. Assim, todos os dias conversando fomos trabalhando, com Daniel e seu grupo, assuntos que diziam respeito a todos. Conviver (viver com) e conversar (versar com) foi nos ajudando a aprender juntos o que fazer. Não conhecíamos o caminho; caminhamos juntos pelo possível.

Nosso pequeno faraó de hoje (um ano depois) aprendeu que pode ser acolhido e sabe que será ouvido. Já aceita os limites e consegue negociar. Todo o grupo está mudado.

“No espaço de uma vida, pouquíssimas respostas são encontradas. O máximo que se consegue é aprender a fazer perguntas... Se sou obrigado a fazer perguntas, significa também que estarei me adestrando em uma arte. A arte de duvidar. Que não é vã. Além de ser nossa única alternativa, é também a única maneira de integrar-se ao universo e ao seu mistério...” (Trevisan, 1994).

Ana, a criança que veio de longe...

Ana tinha mãe chinesa e pai brasileiro. Veio para a Escola aos dois anos, em uma temporada de estudos dos pais. Na sua casa, falavam-se o chinês e o português. Ana falava muito pouco de uma língua própria que misturava os dois idiomas e era muito, muito assustada. Não deixava que a tocássemos e seu coração estava todo o tempo descompassado. Abria muito os olhos, queria ver tudo, mas não conseguia distanciar-se da mãe para nada.

De acordo com nossa experiência, isso é natural em crianças pequenas que precisam conhecer outras referências de segurança para soltar-se dos pais e começar a se agrupar na Escola. Entretanto, Ana era diferente. Quanto mais tempo passava, mais ficava assustada. Não atinávamos com o que contribuía para esse comportamento.

Um dia, lá pelo primeiro mês de mãe e filha dentro da classe (sua mãe já era praticamente nossa “auxiliar”), conversando perguntamos o que as duas faziam quando saíam da Escola, já que o país era novo para elas, não havia muitos amigos ou conhecidos, e a “língua” poderia dificultar aproximações com vizinhos. Sua mãe nos conta que ficavam muito em casa e que Ana assistia a muitos filmes.

Pedimos que no dia seguinte ela nos trouxesse os filmes e qual não foi nossa surpresa quando nos deparamos com histórias narradas em chinês, nas quais apareciam bichos adultos e bichos crianças – pais e filhos, e nas quais as crianças desobedeciam aos pais e, ao se afastarem deles, corriam muitos perigos, dos quais com muito custo se safavam, mas quando chegavam à casa “apanhavam” muito dos pais ou das mães e choravam.

Para nós, a moral da história era: não se afaste, o mundo é muito perigoso aí fora e, caso você se atreva, encontrará perigo em casa também. Não há saída. Só susto e medo.

Quem tinha mais medo? Ana? Sua mãe?

Que vivências teve essa família que justificasse a ideia de não separação?

Seriam as constantes mudanças de país? Não era a primeira vez que se mudavam.

Pedimos à sua mãe que procurasse alternativas de histórias para que Ana se acalmasse, já que ao ver aqueles filmes mostrava-se muito assustada.

Conversa vai... conversa vem... Ana já podia ficar na Escola com suas professoras, mas sua mãe não conseguia sair da Escola. Passava suas manhãs trabalhando em uma sala, sem conseguir sair da Escola. Por quê? O que a fazia ficar, já que Ana não mais a procurava?

Um dia, em prantos, ela nos conta que sua mãe a havia deixado na Escola e ido embora. Ela, criança, sentiu muita falta de sua mãe e, ao procurá-la, não estava mais na Escola. Acreditava que isso marcara sua vida para sempre. Não queria que sua filha passasse a mesma coisa. Conversa vai... conversa vem... consegue distinguir as duas situações; consegue conversar com Ana e deixá-la na Escola, conosco. Não há mais perigo, quase quatro meses depois.

No primeiro dia, para que ela saísse da Escola pedimos que seu marido (pai de Ana) viesse ajudá-la. Assim foi feito. Ana está livre, sua mãe também. Conversa vai... conversa vem...

Parece fácil assim descrito, mas aqui, como em toda relação humana, há muita complexidade.

Se usamos palavras que restringem ou patologizam as relações e as pessoas, ficamos oprimidos e sem alternativas. Nas palavras de Tom Andersen (1995): "A linguagem e as palavras são como mãos que buscam algo; poderíamos dizer que a linguagem é órgão do sentido".

Contudo, as palavras são mais do que isso. Como uma mão que agarra e segura, as palavras captam e guardam os significados. As palavras não são inocentes...

Por que não deixar que as pessoas encontrem suas próprias palavras para descrever-se?" (Andersen, 1995).

Conversa vai... conversa vem...

As sacolas cheias de bonecas...

Patrícia e Júlia tinham quatro anos e estavam na Escola juntas desde o berçário. Com temperamentos e jeitos de estar no mundo muito diferentes, eram grandes amigas.

As crianças podem, se querem, levar seus brinquedos para a Escola e lá brincar com eles. Esse leva e traz inclui muitas negociações, quem brinca com quem, se quebrar o que acontece, quanto de brinquedo trazer e por aí vai.

Patrícia e Júlia iam para a Escola quase todos os dias levando uma mala, a mais cheia de bonecas, com seus acessórios, roupas, móveis e tudo que se fizesse necessário para a brincadeira. Se faltasse alguma coisa não havia problema, a história mudava seu rumo, o contexto era outro. Passavam mais tempo montando o cenário e descrevendo quem seria o quê, do que propriamente brincando. Quem disse? A brincadeira era tudo: montar, escolher o tema, as falas das bonecas, as roupas, os acessórios, os tipos de cabelo, onde moravam, se eram casadas ou solteiras, e assim prosseguia a brincadeira, que elas dividiam com outras crianças. Às vezes o cenário ficava montado para o outro dia e a brincadeira continuava como se não tivesse sido interrompida.

A professora acompanhava, ajudava e incentivava. Todos os dias, durante o tempo de cada uma, aquelas sacolas iam e vinham.

"Brincar é coisa muito séria. O ato de brincar envolve objetos metafóricos que, mesmo quando decodificados para a linguagem verbal, processam a trama relacional. O jogo lida com uma realidade construída, que pode

ser transformada desde que seja possível a negociação entre todos os participantes, transformando-se concretamente em um laboratório de experiências interacionais. Brincar, talvez, seja a única possibilidade de, vivendo, poder ao mesmo tempo, ensaiar a vida... O brincar permite-nos o contato com a realidade mutante..."
(COLOMBO, 2000).

Dia após dia, Júlia e Patrícia experimentavam novas possibilidades, entre elas a de estar na Escola e brincar. E com as “bênçãos” da professora e das duas famílias, as sacolas por muito tempo iam e vinham.

Malcom e seus castelos na areia...

Malcom nos chega encaminhado por um neurologista. Não fala, quase não enxerga, tem cinco anos e lindos olhos verdes. Chega pelas mãos dos pais que o querem convivendo com crianças da sua idade. A babá, que até então cuidou dele, vai embora e ele não pode mais ficar em casa. Está na hora de ir para a Escola. Estamos todos apreensivos com o desconhecido.

Mesmo trabalhando com crianças deficientes desde a nossa fundação, quando isso ainda não era lei, cada criança que chega é um desafio a ser superado. Melhor dizendo, todas as crianças são desafios, mas as que têm deficiência nos instigam mais nos caminhos do não saber, do aprender como é não falar, não enxergar e ter cinco anos e estar vivo.

O primeiro passo é estar com ele. Sentamos, conversamos, brincamos, andamos pela Escola; as crianças se aproximam, perguntam, dão a mão para ele, sustos, choros, correria, calma... Como é seu nome? Ele não fala? Sabe andar? Quer brincar? Vamos?

Vai?

Malcom tem uma professora acompanhante que percorre com ele os caminhos necessários para que ele “se adapte” à escola e a escola a ele. Tem seu grupo referência, que são as crianças da mesma faixa etária, porém pode estar em qualquer grupo que o atraia, seja pela atividade proposta, seja pelas relações que ele estabeleça.

Adora música e quer estar em todas as aulas, embora não todos os dias, não sempre... nada é sempre igual. Começa a conhecer a escola e sua rotina, o caminho de sua classe, onde guardar sua mochila e sua lancheira. As crianças o reconhecem como aluno da escola, amigo do grupo e o definem como “alguém que cresceu por fora, mas ainda precisa crescer por dentro”.

Malcom senta-se todos os dias na areia e constrói castelos, rotas de areia com pás, baldes, como se fossem cidades. Sua professora o acompanha e vai perguntando, nomeando, significando o que ele vai agindo.

Sem “falar” vai acontecendo ali uma relação que se desenvolve todos os dias, uma relação de reconhecimento mútuo, das rotas possíveis de serem seguidas.

“Como inserir crianças e jovens com deficiência em um sistema que, em quase sua totalidade, os rechaça?... Em relação à inclusão de pessoas com deficiência

na rede regular de ensino, penso que o preconceito vigente seja o de não reconhecimento. Não são reconhecidos ou legitimados como seres pensantes e atuantes na sociedade aqueles que possuem um déficit cognitivo, ou que, mesmo sem tal déficit pensam e se emocionam de modo diverso” (Ayub, 2009).

Malcom, com seus castelos na areia, nos ensina a compreendê-lo.

Para fazer sentido, suas ações precisam ser nomeadas e descritas naquela relação, onde ele as produz. Precisamos oferecer a Malcom oportunidades de um aprendizado que lhe seja útil. E essa é uma conversa de mundos diversos, entendendo-se aqui como diverso, ou diversidade, tudo aquilo que não nos é familiar, aquilo que não conhecemos, aquilo que não somos nós.

Mesmo entre os que enxergam, falam ou andam todas as conversas são entre diferentes. Há mapas e rotas a seguir se queremos ir na mesma direção, ou chegar em um mesmo lugar, ou mesmo construir relações ou conhecimento. Precisamos de acordos, de bases comuns de onde partir. Nossa base, nosso degrau, é sempre nossa humanidade, somos todos humanos e como tal nos reconhecemos. É sempre daí que partimos para essa aventura de conhecer o novo e o inusitado que é o nosso semelhante, tão diferente, tão igual, tão gente, tão humano.

Malcom faz seus castelos e um belo dia não os faz mais... Esgotaram-se seus significados? O que Malcom queria dizer foi compreendido? Começa a interessar-se por outras atividades, sai fazendo outras coisas, produzindo aquilo que lhe faz sentido.

Se compararmos Malcom com as crianças de cinco anos de seu grupo, diremos que ele está “atrasado” ou que ele não aprendeu o que precisava. Se o compararmos com ele mesmo, veremos que Malcom aprendeu a andar pela escola com autonomia, senta-se e come seu lanche depois de pegá-lo em sua lancheira, guarda suas coisas, bebe água sozinho, brinca, dá boas risadas, reconhece seus amigos de classe e seus professores, canta, corre e participa das atividades que são propostas, comunica-se com gestos e expressões, veste suas roupas, escova seus dentes, reconhece o que é seu. Ele segue seu caminho de ser gente, crescer e aprender. É assim que os humanos tornam-se humanos, entre humanos.

Conversas de escola...

- “Se na História da Cinderela todo o feitiço da fada azul se desfaz quando o relógio bate meia-noite, por que os sapatinhos ficam?” (Joana, quatro anos).
- “Se posso digitar no computador, por que preciso aprender a escrever com letra cursiva e a lápis?” (Leandro, cinco anos).
- “Como é que essa tonta da Chapeuzinho Vermelho não viu que era o Lobo e não a Vovozinha que estava deitada na cama? Olha o pelo dele, as unhas, o focinho e o cheiro” (Isabela, quatro anos).
- “Quem você pensa que é?” (Theo, três anos, quando a professora pediu que descesse da janela).
- Que nome de bicho começa com a letra Z? Perguntou a professora.
 - Rafael, três anos, disse: “Eu sei... é o zacaré”.
- “Eu estou obedecendo?” Pergunta Pedro, quatro anos.

- “O que é obedecer para você?” continua a professora.
- Ele pensa e diz: “Obedecer é quando eu quero muito fazer uma coisa e alguém diz que eu não posso”.
- “Gian, desça daí... Você pode cair”, disse a professora vendo-o em um muro alto da Escola.
 - Ele respondeu: “Por que, em vez de me mandar descer, você não me ensina a subir?” (Gian Fábio, seis anos).
- “Onde está a bola”, pergunta Mariana.
 - Está ali, perto do “pé” da goiabeira, diz a professora. Como ela demora, a professora pergunta: Achou?
 - Ao que ela responde: “A bola eu achei, mas ainda estou procurando o ‘pé’ da goiabeira” (Mariana, três anos).
- Conversando sobre o fato de a Bela Adormecida e a Branca de Neve dormirem um longo sono, uma após picar seu dedo em um fuso e a outra após morder uma maçã envenenada, a professora pergunta:
 - “Por que será que elas dormem tanto tempo?”.
 - “Acho que é porque o príncipe encantado demora muito para chegar e elas ficam muito cansadas de esperar”.
 - “E por que ele demora muito?”, pergunta novamente a professora.
 - “É porque ele vem a cavalo” (Isabela, três anos).

Para aprender crianças é preciso fazer perguntas todo o tempo a si mesmo e principalmente à criança.

Aqui vamos cunhar o termo “presença” para definir o estar com crianças de maneira intensa, curiosa, aberta para o espanto de existir. Diante da criança, olhar para o mundo com ela como se pudéssemos trocar os olhos, o nariz, o ouvido, o tamanho do corpo, vendo pela primeira vez.

Crianças aprendem pelos poros, pelo cheiro, pelo observar intenso e constante daqueles que são sua referência, seja em cuidados, seja em proximidade. Aprendem com seu contexto familiar, social, escolar. Aprendem com a televisão, com as conversas que ouvem; aprendem sempre e continuamente com aquilo que nem sabemos que estamos ensinando; aprendem com o que ainda não tem nome. Aprendem compulsivamente, precisam inteligir o mundo, saber como as coisas funcionam neste planeta, que língua se fala, como são as roupas, a comida, o existir como gente. Que gente é essa?

É possível ser um adulto assim, disposto a estar presente e comprometido com novos e inesperados pontos de vista? É possível ser presente e portar o inusitado, oferecendo o novo, o ainda não visto, sentido, compreendido?

“Se eu tivesse que resumir em uma palavra a essência do que a gente faz, eu diria que é o OLHAR! Porque palhaços e crianças não são prisioneiros da lógica nem da razão. Então, para eles, nem tudo o que você vê é o que você vê, mas pode ser o que você quiser que seja” (Nogueira, 2005).

Para aprender crianças é bom experimentar, dar a mão e soltar, propor e esperar, empurrar e segurar, ir e vir, em uma dança relacional que considere o diálogo e a seriedade, que é estar vivo no aqui e agora, agindo, modificando.

Para estar com crianças é preciso respeitá-las em seu momento de desenvolvimento físico, mental, social, espiritual*. É preciso crer nas suas palavras, desenhos, expressões, descrições, canções, choros, risos, alegria... É preciso deixar-se pegar pela mão e ser guiado. Aceitar outras linguagens. É a presença do estar junto.

“Estamos sempre tendo que abrir espaço para aprender mais uma lição, cometer mais um erro e sermos irremediável e felizmente imperfeitos. O conforto é a morte para um palhaço – e para um educador. Ele precisa sempre andar no fio da navalha” (Nogueira, 2005).

Confortavelmente.

Onde tudo começa...

Tudo começa quando dizemos que é ali o ponto inicial, o ponto de onde partimos. Quando em 1977 a Ponto de Partida foi concebida, havia o desejo de que ali fosse desenvolvido um trabalho no qual as crianças fossem as protagonistas do seu processo de conhecimento, questão diametralmente oposta a tudo que as crianças viviam nas escolas até então.

Suas fundadoras continuaram firmes na crença de que a escola precisa ser um bom lugar para os que dela participam e, assim, todas as pessoas que chegaram depois, até hoje foram se agregando à ideia de fazer acontecer todos os dias uma educação para uma boa infância.

Embora, aparentemente, uma ideia simples (a escola como um bom lugar para se aprender), trata-se de uma concepção bastante complexa, necessitando de constante trabalho relacional entre todas as pessoas da instituição para alinhá-las nesse direcionamento, ao mesmo tempo em que se levam em conta a diversidade e a singularidade de cada participante, além da ação didática ser, todo o tempo, avaliada e reformulada pelos educadores, processo contínuo de reflexão e estudo. “O bom ensino é aquele que cria condições para a formação de alguém que sabe ler, escrever, resolver problemas... quando dizemos ler, escrever e resolver problemas, estamos afirmando: ler não apenas os livros, mas também os sinais do mundo e a cultura do nosso tempo. Escrever não apenas nos cadernos ou computadores, mas também na realidade da qual fazemos parte, deixando sinais e símbolos, intervindo em sua significação e resignificação. Resolver problemas não apenas no espaço da Matemática, mas no amplo universo das questões que desafiam os seres humanos na construção de sua história, no convívio com os outros, nas expressões político-sociais, nas criações artísticas, nas manifestações religiosas e nas investigações científicas” (Rios, 2010).

Um centro desenvolvedor de pessoas

“Eu tenho um jeito socrático de entender a educação. Acho que o seu objetivo é despertar nas pessoas aquilo que está adormecido dentro delas.

* A separação entre esses aspectos é apenas didática, porque sua relação é dinâmica e inseparável.

Nós somos como palácios maravilhosos onde dormem centenas de inteligências diferentes, uma coisa parecida com a História da Bela Adormecida. A função principal do educador é dar o beijo que desperta... Você tem que provocar para que algumas dessas inteligências acordem.

Digo algumas porque nem todas podem ser despertadas, a gente não tem tempo para tudo.

É isso que a gente faz, provocar os alunos para que eles despertem as suas inteligências e possam então lidar com a vida” (Alves, 2003).

Aprender é inevitável e acreditamos que ninguém ensina nada a ninguém e ninguém aprende nada sozinho; aprendemos em comunhão mediados pelo mundo. Sendo assim, a Escola e os que dela participam vivem um grande desafio:

- Para que serve a Escola?
- Como ela opera para atingir seus objetivos?
- O que ensinar?
- Como ensinar?
- Por que e principalmente para quem?

Como é o nosso jeito preferido de fazer quando temos perguntas, saímos pela escola perguntando:

- O que só tem na Escola?
- O que se aprende aqui?
- Para que serve estar na Escola?

Muitas respostas como: serve para aprender a ler e escrever... para brincar... para aprender números... para cantar... para jogar futebol... e, diante de todas as respostas, fomos contando que tudo isso podia ser aprendido em casa, na rua, na televisão... e assim foi a conversa até que uma criança nos disse: “Só na escola tem professor” e aí ela toca em um ponto fundamental – Escola precisa de professor.

Elas continuam... o professor ensina outras coisas... ensina, todo dia, coisas que outros não ensinam.

E como se formam essas pessoas? Em outras Escolas.

Melhor seria perguntar: Como se desenvolvem? O que os faz vibrar? Qual é sua paixão? Para que querem ser professor?

“Toda ação educativa tem o germe da intervenção do encaminhamento, da devolução, pois esses são constitutivos do ato de aprender e ensinar. O que varia é como cada concepção de educação entende o que é ensinar, o que é aprender, o que é conhecer e portanto qual o exercício da intervenção, do encaminhamento e da devolução” (Freire, 2008).

Trabalho de professor exige:

- Saber de si.
- Planejamento.
- Registro.

- Reflexão.
- Avaliação.
- Trabalhar em equipe.
- Atualização constante.

O professor que queremos é aquele que ensina a pensar, a pesquisar, a intervir, a buscar soluções, a desenvolver o desejo de aprender. Apresenta conceitos não como verdades prontas e acabadas, mas como um problema a ser solucionado.

“A Adélia Prado me ensina pedagogia. Diz ela: ‘Não quero fazer nem queijo; quero é fome’. O comer não começa com o queijo. O comer começa na fome de comer queijo. Se não tenho fome é inútil ter queijo. Mas, se tenho fome de queijo e não tenho queijo, eu dou um jeito de arranjar um queijo” (Alves, 2003).

Professor de educação infantil precisa entender do seu ofício, precisa conhecer criança, gostar de criança, não ser o centro do seu grupo, mas guiá-lo com foco, sabendo para onde quer ir, ao mesmo tempo em que permanece aberto para o inesperado, para o improvável, para o que não está escrito.

Formação continuada...

As histórias nossas de cada dia

Professor foi criança; teve professores, pai, mãe; aprendeu em bancos escolares; teve cartilhas.

Professor tem crenças e valores.

Professor é gente.

Formar professores é desenvolver gente com tudo o que isso significa.

Resgatar e contar suas lembranças de vida, de aluno, de criança, do que brincava, com quem, como aprendeu a ler e escrever. É resgatar um material precioso que liberta para uma prática mais nomeada.

Somos habitados por nossas histórias e quando podemos socializá-las, escrevê-las e principalmente ser ouvidos, elas podem ganhar novos significados.

“Perceber-se como fazedor de histórias, marcado por nosso inacabamento e finitude, ser dono de seu destino pedagógico, profissional e pessoal é crucial dentro do processo de formação desse sujeito pensante, autor e construtor de conhecimento... ver-se... em um processo reflexivo, como construtor e não reprodutor do próprio processo de aprendizagem, possibilita que compreenda a diferença entre construir conhecimento e reproduzir conhecimento, repetir história e construir história” (Freire, 2008).

Dentro da Escola todos são educadores, do porteiro ao diretor. Todos os que interagem com a criança ao mesmo tempo em que ensinam algo, vendem picolé ou varrem a casa, estão ensinando “mundo é...”.

São várias as equipes de trabalho que precisam conviver para se fazer uma escola acontecer. Grupos reflexivos, planejamento, avaliação, rotinas, são o dia a dia de quem está com crianças. Isso inclui os ajudantes gerais, a equipe de

manutenção, o porteiro, quem troca, quem faz o lanche, o motorista da *van* escolar, quem prepara e dá o almoço – trabalhadores do contexto escolar, formadores, educadores de crianças.

Nossas crianças podem escolher com quem ficam melhor, a quem se ligam mais, a quem pedir ajuda quando precisam, no colo de quem vão dormir, a quem contar suas histórias, enfim... estão livres para estabelecer suas relações de afeto e de conhecimento.

Família... família... almoça todo dia? Ou só ri em retrato?

Na educação infantil, a família vem para a Escola junto com a criança. Logo no início, na adaptação da criança, o pai, a mãe ou algum outro adulto que a criança conheça e em quem confie vem e fica junto, ajudando a criança a conhecer o contexto escolar até que ela se sinta segura (e eles *também*) o bastante para ficar “sozinha” com seu professor e seu grupo.

O tempo desse processo varia muito: dois, três dias, até semanas ou meses.

A família toda está se adaptando a essa nova etapa.

A família é o lugar privado, a escola é o lugar público e essa é uma conversa séria. Nomear as diferenças entre esses dois contextos ajuda o conviver. Não somos extensão da casa ou da família, mas quando estamos com crianças, é condição fundamental incluir a família, porque ela é a referência, o início, o lugar de onde tudo parte.

Quem é a família hoje?

É aquela que está responsável pela criança, a que cuida, protege, ensina.

A escola, como lugar público, é o encontro da diversidade, porque cada família é um universo de diferenças, crenças, valores, hábitos e costumes.

Conviver é, então, uma arte; arte de compor, dialogar, negociar, ceder, respeitar, insistir, crer para ver.

“A família é a parcela de amor que nos ajudou a ficar de pé na vida, o ponto de referência, de alimento, de carinho e aconchego... Vamos deixar de lado as definições de quem é ou não é família, vamos deixar de catalogar filhos e filhas pelas famílias chamadas ‘incompletas’, ‘desestruturadas’, para comemorar com crianças felizes criadas por sua avó, um tio, a madrinha e o meio-irmão por parte de mãe, ou ainda pela mãe e seu segundo marido, entre outras variações. Enfim, família são as pessoas que a gente ama e que nos ajudam a crescer” (Prado e Gurgel, 2009).

Muitas vezes, nesse diálogo entre a família e a escola, há “um jogo de empurra” sobre de quem é a responsabilidade se o aluno “não se comporta bem na escola, ou vai mal”.

Aluno e filho têm aspectos diferentes de identidades em contextos diversos.

Se temos claros nomes, lugares e a questão a ser discutida, bem como as responsabilidades de cada um (escola e família), a conversa flui mais facilmente.

Nossas conversações são quase sempre abertas, com crianças e pais, às vezes mães, às vezes avós, babás, tios, tias e às vezes irmãos. Para as crianças, com elas e na frente delas... “quando uma família tem a oportunidade de contar sua história

em muitas vozes, eles próprios podem se ouvir. Esta escuta geralmente traz muitas surpresas para todos; ... logo percebemos que estamos diante de descrições diferentes, discordantes ou complementares... creio que o que temos de melhor para oferecer para uma família é, acima de tudo, a possibilidade de conhecer as emoções que construíram os múltiplos significados que foram atribuindo, ao longo dos anos, para uma mesma vivência” (Scuoppo, 2010).

O professor, sempre que possível, participa, e assim, construímos compromissos para ações na direção da resolução dos problemas.

Famílias são universos e mistérios, portanto, duvidar e perguntar são boas maneiras de começar uma conversa. As famílias que estão em nossa escola também ganham com encontros com outras famílias. Reuniões com pais (e não de pais), em que propomos conversas de pais com outros pais; feiras, festas, encontros de convivência – o dia a dia precisa ser compartilhado.

Construir redes de apoio, de reconhecimento entre iguais, é também um lugar para a escola.

O fim traz o nosso começo...

Carmen por Carmen

Aos treze, quatorze anos herdei de meu irmão mais velho, que havia entrado na Faculdade, uma “classe” de alunos particulares.

Alunos de final de ano, aflitos com suas notas ruins, principalmente em Matemática e Português e outras dificuldades da escola, resumos e trabalhos para passar de ano.

Já naquela época me perguntava: Se até agora não aprenderam, como vão passar de ano, já que estamos em setembro?

Pois não é que aprendiam e passavam de ano?

Ali começava a nascer a ideia e a prática de que ensinar e aprender é uma relação de mão dupla. Hoje eu sei que ensinava o significado e o uso daquelas matérias. Ensinava o gosto do aprender para a vida e não só para passar de ano.

Lembro-me que ensinava/aprendia contando com alegria minhas descobertas em relação aos conteúdos que “precisávamos estudar” e percebia a atenção do aluno, mostrando-se curioso para aprender.

Pensar uma escola que tivesse significado também para o aluno, não só para os educadores, e que tivesse vida ao vivo e em cores foi uma consequência daquelas primeiras aulas particulares de recuperação... recuperação do prazer e da autonomia em aprender e buscar conhecimento.

Desde esse primeiro processo de descoberta eu já estava na direção de construir uma Escola em que a criança pudesse se colocar, ter voz, ser ouvida... um aluno que fosse protagonista, autor e não “um mero repetidor”.

Eliana por Eliana

Não foi a Escola quem me ensinou a ler e escrever, nem tão pouco a gostar de ler, foi minha mãe.

Para bem da verdade, ela tentou evitar para mim uma dificuldade que ela encontrou em sua escola. No seu primeiro dia de aula, a professora escreveu na lousa o famoso cabeçalho, composto por data, nome da escola e nome da criança, e pediu que seus alunos da primeira série do grupo escolar copiassem o que ela havia escrito.

De certo, não era sua intenção causar traumas em seus alunos, apenas verificar quem sabia ou não ler e escrever.

Minha mãe começou, mas não conseguiu terminar sua primeira tarefa escolar e ali ficou decretado que eu entraria na escola sabendo ler e escrever e a fazer as quatro operações da matemática. Assim foi feito!

Quase “o tiro sai pela culatra”, porque muitos anos depois, minha professora da primeira série, no primeiro dia de aula, fez o mesmo pedido: “copiem o cabeçalho!”.

Eu atendi ao pedido muito rapidamente... e, aí? O que mais era para fazer?

Irmã Maria Francisca, esse era o nome da professora, nos fez fazer intermináveis exercícios de prontidão e eu era a única aluna que sabia ler e escrever naquela classe. Achei tudo muito chato.

Quando cheguei à minha casa, Dona Ramona me esperava ansiosa para saber do meu primeiro dia de aula. Lembro bem do olhar de minha mãe quando eu disse: “Foi tudo bem, mas amanhã eu não volto mais lá, ninguém sabe ler, nem escrever... eu já sei e quando eles aprenderem eu volto”.

Fui salva pela perspicácia de minha professora (e pela persistência de minha mãe), que me colocou como sua ajudante e me levava livros e exercícios que me desafiavam, sem os quais, com certeza, eu teria desistido.

Meu primeiro livro grande, cheio de letras (Robson Crusóé), foi um presente de meu pai.

Nunca mais parei, adquiri o gosto.

Concluindo... abrindo novas conversações

É isso o que fazemos: plantamos o gosto, atiçamos o desejo, planejamos, registramos, avaliamos e, acima de tudo, refletimos para que nossas ações caminhem para libertar nossos alunos e nossos professores do jugo da repetição e da inconsciência no fazer da Escola.

Escola deve ser um lugar onde aprendemos que para viver nossa vida todos os dias é bom que nos dediquemos a conhecer, a duvidar, a perguntar.

“O ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém. Assim a busca do conhecimento não é preparação para nada, e sim, VIDA, aqui e agora” (Freire, 1989).

Duvidem das escolas que são centros de repetir, de decorar, de fazer sempre igual.

Escola precisa ter significado e vida, fazer sentido, senão, não serve para quase nada.

Outro dia perguntamos a um grupo de jovens: “Vocês gostam da Escola?”.

– “Da Escola a gente gosta, não gostamos é das aulas...”.

Enquanto a Escola não for um lugar atraente e desafiador para todos os nossos alunos, estaremos nos saindo muito mal em nossa responsabilidade como pais, como nação.

Enquanto a Escola não for um centro formador e promotor de convivência entre pessoas, não teremos feito nossa lição de casa mais básica: Educar para a Cidadania e para a Responsabilidade Social.

“Pois o muleque Gustav gostava de bolebolir com a dúvida.

Tinha corage o rapaiz. Mas brigava sem pará, praquê queria descobrir tudo demais.

Brigava contra esse num-tem-jeito que é ser gente e só receber minguada expricação” (Trevisan, 1994).

Aprendemos com Jim Wilson (2008) a elaborar sugestões ou listas que podem servir como um guia reflexivo. E como são sugestões, podem ser ampliadas, revisadas e/ou excluídas. Como ele mesmo diz: “Crie sua própria lista”.

“Estude uma abordagem teórica em profundidade, de modo que ela se torne sua segunda natureza, exatamente como um músico precisa aprender escalas, até que ele possa tocar naturalmente, sem pensar nelas.

Uma vez fluente, observe outras abordagens e outros métodos para incorporar à sua prática” (Wilson, 2008).

Nossa lista...

1. Esteja atento e ouça. Quando achar que já ouviu o suficiente, permaneça mais um pouco nesse lugar.
2. Ouça com a mesma atenção o que te afeta, o que te chama a atenção, o que te inquieta, sossega; perceba-se naquele contexto.
3. Nomeie suas afetações. Leve-se em conta. Faça contato.
4. Sente no chão, desenhe, pinte, use o seu humor, abaixe-se para falar com a criança e olhá-la nos olhos, seja sério, responsável com a conversa em curso.
5. Volte atrás, repense, reflita, refaça. Esteja pronto para desconstruir tudo, principalmente você mesmo.
6. Deixe que a criança te guie, fale com ela, fique curioso, peça que ela te mostre por onde ir. Não tenha medo, ela sabe.
7. Confie no seu conhecimento, use-o. Disponibilize sua caixa de ferramentas. Confie nos recursos e no conhecimento dos seus interlocutores. Não faça tudo sozinho.
8. Saiba de si em contexto. Trabalhe com a criança que você foi, converse sempre com ela. Estude, brinque, tenha lazer. Fique com crianças.
9. Peça ajuda de seus colegas. Diga o que não sabe. Busque novas informações. Mude. Use sua experiência, tenha outras.
10. Conheça o seu ofício” (Moreira, 2009).

Concluimos, como Jim Wilson (2008): “O resto é prática...”.

DIALOGANDO

PÁL TALBERG

Caras Eliana e Carmen Farias,

Muito obrigado pelo capítulo. Vocês têm tantas experiências vivas e exemplos de seus trabalhos. Não sei se posso entendê-lo completamente, pois o contexto é muito diferente do meu. Seu capítulo me traz lembranças das experiências que tive durante viagens que fiz ao seu hemisfério.

As memórias são fortes porque conheci tantas pessoas profundamente envolvidas na melhoria da vida das crianças e das suas famílias. Vocês duas devem certamente estar entre elas!

Pensei durante a leitura do capítulo de vocês: isto não é sobre ensino, isto é sobre aprendizagem. No meu entendimento vocês estão escrevendo sobre educar, ser educado e ser culto.

É importante sabermos como nós, adultos, compreendemos as crianças e como elas aprendem. A história de como consideramos as crianças e a infância é dolorosa.

Cada sociedade tem uma política sobre como tratar as crianças e como educá-las. Uma sociedade ou um país pode ser descrito pela forma como as crianças estão sendo tratadas; tendo direito, por lei, a um sistema educacional, saúde e bem-estar social. Eu realmente espero que sua voz seja ouvida em sua sociedade e país.

Suas descrições das crianças e os contextos me fizeram sentir confortável. Eu pude imaginar as crianças, pude ter uma imagem interna deles. Vocês não os “rotularam” e eles foram descritos sem quaisquer diagnósticos CID10/DSM4.

Para terminar, tenho uma pergunta. Durante o processo que vocês descreveram, quais ideias se tornaram mais fortes e vivas e quais se enfraqueceram?

DIALOGANDO

ELIANA MARIA MOREIRA
CARMEN FARIAS

Pál,

Ficamos felizes e agradecidas pela leitura que você fez de nosso capítulo.

Ares da Noruega, saudades do Tom Andersen e a presença forte de suas palavras. É a vida em seus processos.

Quando você nos diz que nosso capítulo não é sobre ensino, mas sobre aprendizagem, ficamos pensando que ele é sobre o diálogo necessário entre ensino e aprendizagem, sobre aprender a aprender, sobre relações entre os dados, as informações disponíveis e os conhecimentos já construídos; aquilo que já se sabe quando se chega à Escola.

Uma palavra de ordem em nosso país em relação à Educação é como podemos democratizar o acesso à informação, às expressões da cultura e não normatizar o conhecer, o aprender. Queremos despertar o gosto e legitimar a maneira de aprender de cada criança, respeitando-a em seu desenvolvimento.

Para aprender é preciso falar e ser ouvido, escrito, cantado, conversado, indagado, desafiado. Para aprender é preciso crer na força das relações humanas capazes de contar melhores histórias. Isso se constrói junto, com presença; a curiosidade e o desejo fazem o restante.

Você nos pergunta quais ideias se tornaram mais fortes e vivas e nós pensamos em algumas:

1. Reflexão contínua para uma ação didática transparente e coerente junto à criança e sua família.
2. Formação continuada das pessoas que estão na Escola. Todas são educadoras, todas ensinam.
3. Relações delicadas e firmes. Poder duvidar.
4. Trabalhar grupal e individualmente com as crianças e com a equipe de educadores.
5. Brincar é preciso. Ouvir também.
6. Os saberes e os fazeres mudam; o desejo de aprender, o processo de investigação e pesquisa e a curiosidade para com o mundo que nos cerca, uma vez plantados e adubados, permanecem para a vida.

As ideias que enfraqueceram foram todas aquelas que fecham conversações, que rotulam, que procuram causas, que descrevem mundos que não criam novas possibilidades de sentir, pensar, falar e agir.

É preciso viver quando se está vivo e para isso precisamos contar com mãos que nos guiam nos caminhos que ainda nos são desconhecidos. Boa parte dessas mãos está na Escola. A responsabilidade é grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVITCH, F. **Quem educa quem?** 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- ALVES, R. **Quando eu for grande quero ir à primavera.** São Paulo: Didática Suplegraf, 2003.
- ANDERSEN, T. A linguagem não é inocente. **Nova perspectiva sistêmica**, n. 7, 1995.
- AYUB, P. Sobre as cores dos botos: da desigualdade social à diversidade cultural. **Nova perspectiva sistêmica**, n. 35, dez. 2009.
- COLOMBO, S. F. Em busca do sagrado. In: CRUZ, H. M. (Org.). **Papai, mamãe, você e eu. conversações terapêuticas em famílias com crianças.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- FREIRE, M. **Educador – educa a dor.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- MEC. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília, 1998. v. Introdução.
- MEIRELLES, M. C. A mediação de conflitos em escolas. **Nova perspectiva sistêmica**, n. 30, abril, 2008.
- MOREIRA, E. M. Construir o barco enquanto se navega. Ecos. **Nova perspectiva sistêmica**, n. 33, abr. 2009.
- NOGUEIRA, W. **Doutores da alegria – o lado invisível da vida.** São Paulo: Grifa & Mixer, 2005.

PRADO, D.; GURGEL, B. A. **Nossas adoráveis famílias**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RIOS, T. A. Que qualidade é essa? In: **Revista nova escola – gestão escolar**, ano 2, n. 10, 2010.

SCUOPPO, A. I. P. Laços de amor e dor da psicoterapia familiar. In: MONTORO, G. C. F.;

MUNHOZ, M. L. P. (Org.). **O desafio do amor questão de sobrevivência**. São Paulo: Roca, 2010.

SHAW, G. B. **Back to Methuselah**. 1921. Parte 1, act 1.

TREVISAN, S. J. **Ana em Veneza**. São Paulo: Best Seller, 1994.

WILSON, J. Engajando crianças e jovens: um teatro de possibilidades. **Nova perspectiva sistêmica**, n. 32, dez. 2008.